AGD/PI.00023

Por um cinema novo

Gustavo Dahl

Outro dia, lendo a coletanea de artigos e entrevistas de José Celso Martinez Correa, heroi da nossa gente, me deparei com uma alusão ao Cinema Novo, feita em oposição ao teatro brasileiro tradicional. Era 1967 e Zé Celso se referia ao arrojo dos filmes do movimento para pouco tempo depois dedicar a montagem historica de O Rei da Vela, de Oswald de Andrade, a Glauber Rocha. Passava o tempo em que o Brasil era um misterio, era a questão. Estudos brasileiros, problemas brasileiros, brasilianas... A tradição, vinda de Gilberto Freire, Caio Prado Jr, Sergio Buarque de Holanda, Celso Furtado, que tentava entender nossa formação como país, explodia na cabeça dos jovens da época. Antes de tudo o Brasil era uma urgencia, um graal perseguido por muitos parsifais. Como o país sempre foi para profissionais, sua abordagem por uns malucos de cinema, na casa dourada dos vinte anos, exigia coragem e generosidade. Por incrivel que pareça hoje em dia, houve um tempo em que ele, certa ou erradamente, era motivo de orgulho para os seus.

Passaram-se mais de trinta anos e o Cinema Novo permanece como um movimento cinematografico de repercussão mundial, responsavel pela descolonização da imagem brasileira. Aos poucos, porem, os filmes sairam de circulação, veio a ditadura, a obsessão do mercado, as novelas, o país mudou. Mas a crise, na qual ele sistematicamente recae, pode sugerir que a saida do labirinto seja o caminho de volta.

A revisão do Cinema Novo que a Cinemateca do MAM se propõe a fazer, mostrando para novas gerações estes filmes que há muito não se veem, um cinema formalmente fora do esquadro neo-academico, com formulas originais de produção e uma inquieta alma brasileira, pode ser uma revelação. Olhar o olhar que via a um só tempo o cinema e o país, anunciava sua modernidade,

cinemateca brasileira

denunciava sua violencia e seu lirismo. E saber até que ponto ainda podemos nos reconhecer neste espelho.

-x-x-x-x-x-x-x-x-

cinemateca
brasileira

Por um cinema novo

~~Um cinema novo~~
Gustavo Dahl

Outro dia, lendo a coletanea de artigos e entrevistas de José Celso Martinez Correa, heroi da nossa gente, me deparei com uma alusão ao Cinema Novo, feita em oposição ao teatro brasileiro tradicional. Era 1967 e Zé Celso se referia ao arrojo dos filmes do movimento, para pouco tempo depois dedicar a montagem historica de O Rei da Vela, de Oswald de Andrade, a Glauber Rocha. Terra em Transe estreará há pouco. Passava o tempo em que o Brasil era um misterio, era a questão. Estudos brasileiros, problemas brasileiros, brasilianas... A tradição, vinda de Gilberto Freire, Caio Prado Jr., Sergio Buarque de Holanda, Celso Furtado, que tentava entender nossa formação como país, explodia na cabeça dos jovens da época. Antes de tudo o Brasil era uma urgencia, um graal perseguido por muito parsifais. Como o país sempre foi para profissionais, sua abordagem, por uns malucos de cinema, na casa dourada dos vinte anos, exigia coragem e generosidade. ~~[illegible]~~

Por incrivel que pareça hoje em dia, houve um tempo em que o país, certa ou erradamente, era motivo de orgulho para os seus.

Passaram-se mais de trinta anos e o Cinema Novo permanece como um movimento cinematografico de repercussão

cinemateca brasileira

mundial, responsavel pela descolonização da imagem brasileira. Aos poucos, porem, os filmes sairam de circulação, veio a ditadura, a obsessão do mercado, as novelas, o país mudou. Mas a crise, na qual ele sistematicamente recae, pode sugerir que a saida do labirinto seja o caminho de volta.

A revisão do Cinema Novo que a Cinemateca do MAM se propõe a fazer, mostrando para novas gerações estes filmes que há muito não se veem, um cinema formalmente fora do esquadro neo-academico, com formulas originais de produção e uma inquieta alma brasileira, pode ser uma revelação. Olhar o olhar que via a um só tempo o cinema e o país, anunciava sua modernidade, denunciava sua violencia e seu lirismo. E saber até que ponto ainda podemos nos reconhecer neste espelho.

cinemateca brasileira